



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

**As etapas sensoriais do conhecimento em São Tomás de Aquino
e suas correlações neuronais**

The sensory steps of knowledge in Saint Thomas Aquinas and its neuronal correlations

Willian Kalinowski¹

Caio Rodrigo Reis dos Santos²

Resumo

O conhecimento dos entes naturais é a base da interação entre a pessoa e a realidade. Uma vez que esta mesma interação tem um valor antropológico, ético e legitimador para a atividade científica e filosófica, a adequada compreensão do alcance, das possibilidades e limites do conhecimento adquire um valor eminente e basilar. No entanto, apesar de sua relevância, os filósofos de diferentes épocas emitiram pareceres diversos e eventualmente contraditórios sobre a gnosiologia e, conseqüentemente, sobre a humanidade e o universo que a cerca. Contrastando com a incerteza lançada pela modernidade filosófica, a teoria do conhecimento de São Tomás de Aquino, cujas etapas sensoriais serão expostas neste trabalho, apresenta o conhecimento como fruto da atuação combinada de três conjuntos de potências: sentidos externos, sentidos internos e inteligência. Nos dois primeiros reside a possibilidade de harmonização e complementação entre a teoria do Doutor Angélico e a Neurociência, fato que destaca seu valor para o aprofundamento conceitual da Ciência e para uma descrição mais robusta do ente humano e suas faculdades.

Palavras chave: São Tomás de Aquino, epistemologia, conhecimento sensorial.

Abstract

Knowledge of natural beings is the basis of the interaction between the person and reality. Since this interaction has anthropological, ethical, and legitimizing value for scientific and philosophical activity, a proper understanding of the scope, possibilities, and limits of knowledge acquires eminent and fundamental value. However, despite its relevance, philosophers from different eras have issued diverse and sometimes contradictory opinions on

¹ Professor do Instituto de Psicologia Tomista desde 2023, professor visitante na Faculdade Vicentina de Curitiba de 2023 a 2024 e professor de cursos livres na escola São Francisco de Assis, em Pelotas (RS), de 2018 a 2022. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (2022 -2026), mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (2020- 2021) e graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (2016-2019).

² Graduando em Filosofia pela Faculdade Mar Atlântico/Uningá e em Medicina pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: caiorreis.santos@gmail.com



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

epistemology and, consequently, on humanity and the universe that surrounds it. In contrast to the uncertainty cast by philosophical modernity, the theory of knowledge of Saint Thomas Aquinas, whose sensory stages will be described in this work, presents knowledge as the result of the combined action of three sets of potencies: external senses, internal senses and intelligence. In the first two lies the possibility of harmonization and complementarity between the theory of the Angelic Doctor and Neuroscience, a fact that highlights its value for the conceptual deepening of science and for a more robust description of the human being and its faculties.

Keywords: Thomas Aquinas, epistemology, sensory knowledge

Introdução

“Ora, dentre os erros, o mais aberrante parece ser o erro através do qual se erra a respeito do intelecto” (TOMÁS DE AQUINO, 2016, cap. 1, p. 19).

Com efeito, se é a inteligência a potência do ser humano que lhe concede a possibilidade de interagir com a realidade, então, errar a respeito dessa capacidade é macular um dos alicerces do conhecimento humano, é comprometer uma das raízes primeiras de toda a árvore do saber, a qual, se vier a cair, arrasta consigo todos os galhos e ramos da ciência.

A ruptura dessa raiz epistêmica tem uma repercussão notável sobre a antropologia. Encontramo-la explicitada por Hamlet, quando questiona: “*O que é o homem, se o seu grande bem / é dormir e comer? Um bruto apenas. / Aquele que nos fez com descortino, / com passado e futuro, certamente / não nos dotou dessa razão divina / para mofar sem uso*” (SHAKESPEARE, 2017, p. 287). Este “mofo” da razão humana (e não “divina” como na talvez hipérbole do autor inglês) poderia derivar de teorias do conhecimento que reduzissem a condição humana à mesma dos animais irracionais, cujo conhecimento é apenas sensorial. Nesses termos, o sujeito da antropologia perderia sua identidade, confundindo-se com os demais entes animados.

Por outro lado, o equívoco contrário, a saber, o de superestimar a razão, pode ser tão desumanizante quanto a sua redução, pois nos coloca, de modo quimérico, em um patamar que só caberia à divindade: o de decidir o que é o bem e o mal, o verdadeiro e o falso. Por ambos os caminhos pode-se perder de vista o que é a pessoa humana. E, sem conhecer a si mesmo, haveria ainda um bem objetivo para o qual a vontade deva tender? Ou, em contrário, na ausência de uma essência que defina a pessoa, seu agir ficaria tão desprovido de critério e de sentido quanto o seu ser?

Teriam ambas as posturas, como consequência, as indagações de um dos mais acerbos críticos da objetividade da verdade: “para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘em baixo’?” (NIETZSCHE, 2012, p. 137).

Apesar das consequências da falta de objetividade em matéria da natureza do conhecimento humano, os filósofos das várias épocas ainda não entraram em consenso a seu



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

respeito. E após o advento da Neurociência, os cientistas também passaram a apresentar pareceres variados acerca dos fundamentos da razão.

Esse objeto de estudo, de fato, está entre os mais árduos. Em nível fisiológico, o sistema nervoso humano “*é a estrutura mais complexa do universo biológico conhecido*” (MACHADO, 2022, p.4), e em nível filosófico, a intimidade com que se concretizam as operações intelectuais, somada à multiplicidade de fatores que parecem interferir na inteligência – paixões, doenças, hábitos, influência sociocultural, linguagem, entre tantos outros – dificultam a investigação.

Diante desse panorama, não se pode perder de vista o esforço dos grandes nomes que trouxeram luz à questão. Sobretudo, quando foram capazes de o fazer sem se limitar a iluminar um único ponto do problema, deixando suas demais partes às escuras. Para atingir tão difícil meta, parece mister considerar que uma sã teoria do conhecimento deva ser capaz de harmonizar os vários ramos do saber humano. Tal teoria deve fundamentar e organizar as ciências, como peças de um harmonioso mosaico. Afinal, a realidade a que, em última instância, todas elas se voltam, é uma só. Uma deverá ser, portanto, a representação obtida pela especulação humana, que, apesar de nunca exaurir a verdade das coisas, mantém a possibilidade de uma aproximação assintótica.

Essa é a razão pela qual o presente trabalho tem em vista expor parte de uma gnosiologia que parece atender na perfeição os critérios supramencionados, contrapondo-se assim à fragmentação dos saberes apontada por Fernandes (2022): a de São Tomás de Aquino. A opção deliberada de expor apenas uma parte dessa concepção tem em vista atender ao critério da brevidade, bem como ao da seleção de um aspecto específico que melhor permite atender ao segundo objetivo do artigo, isto é, a comparação com concepções neurológicas atuais.

Para isso, esta breve exposição procurará apresentar as etapas iniciais do processo sensorial de conhecimento humano descritas pelo Aquinate, as quais podem ser divididas em: sensorial externa e sensorial interna, cada uma com o seu respetivo objeto de conhecimento, ou seja, o dado sensorial e a imagem ou fantasma,³ para, em seguida, sublinhar a coerência que esta concepção Tomista mantém com a Neurociência atual.

Sentidos externos

A primeira e mais imediata via de interação do ser humano com o mundo extramental são os sentidos, pois “através daquelas coisas que o sentido apreende, a mente é conduzida a outras ulteriores” (TOMÁS DE AQUINO, *De Veritate*, q. 10, a. 6, ad. 1, 2023, p. 370).⁴

³ Fantasma, do grego *phantasma*, é um termo consagrado pela epistemologia aristotélico-tomista que tem por significado uma representação imagética de origem fisiológica, multissensorial, dotada de intencionalidade cognitiva. Também é empregado, na mesma epistemologia, o termo imagem, do latim *imago*, para o mesmo fim.

⁴ Todas as citações do *De Veritate* se referem à seguinte edição: *Questões disputadas sobre a verdade*. Tradução: Maurílio Camello. 1. ed. Campinas: Ecclesiae, 2023.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

Conforme a divisão apresentada por Aristóteles (2011), os sentidos externos são cinco: visão, audição, olfato, paladar e tato. A ciência contemporânea, conforme atesta Lent (2022), mantém os sentidos descritos pelo filósofo grego (seguido por São Tomás), substituindo apenas o termo empregado para designar o último por *somestesia*, que abarcaria, (como o sentido aristotélico) a sensibilidade tátil propriamente dita e outros estímulos variados referentes ao corpo, a exemplo da propriocepção, sensibilidade para temperatura, dor, vibrações, textura e pressão.

Os sentidos, enquanto potências passivas,⁵ são atualizados e determinados por seus objetos, e isso de dois modos: formal e materialmente. A determinação formal se refere à atualização do aparato sensorial, que estava em potência para interagir com um sensível em ato. A partir dessa interação, o órgão passa a representar, também em ato, as formas⁶ sensoriais. Por isso, a informação contida no dado sensível pode ser transmitida. Já a determinação material corresponde à especialização morfológica que as estruturas corporais apresentam, em função do seu objeto.

Por exemplo, em vista da finalidade da visão, os olhos apresentam uma camada de células na retina com receptores moleculares que, diante de um estímulo luminoso, mudam de configuração, promovendo mecanismos de sinalização intracelulares, os quais serão responsáveis por transduzir e codificar a informação obtida pelo estímulo sensorial. Esse receptor é diferente daquele que é responsável pela audição e de todos os demais sentidos, porque foi direcionado para tal objeto, que, como explica São Tomás (2020), determinou a potência anímica em função da qual os órgãos existem.

Além da transdução⁷ e codificação,⁸ os diversos sistemas sensoriais são caracterizados pelo arranjo topográfico⁹ dos receptores e pelos vários mapeamentos de campos receptores, a

⁵ Os termos potência e ato se referem a dois conceitos fundamentais da Física e da Metafísica de Aristóteles (2009 e 2005, respectivamente). As coisas que são, estão, por esse motivo, em ato, enquanto aquelas que ainda não são, mas podem vir a ser, estão em potência. As potências se dividem em ativas (possibilidade de realizar algo) ou passivas (possibilidade de sofrer algo), como os sentidos, que são movidos pela ação dos entes sensíveis.

⁶ Forma e matéria também são noções consagradas da metafísica aristotélica (ARISTÓTELES, 2005). Trata-se dos dois elementos da teoria hilemórfica, que, juntos, constituem todo ente do mundo natural. O primeiro deles implica uma determinação ou especificação no segundo, tornando-o atual em relação a um aspecto particular. No caso dos sentidos, a matéria ou o próprio aparato sensorial é atualizado de modo a receber uma especificação ou uma forma sensorial do ente sensível.

⁷ A transdução é o fenômeno neural que garante a proporcionalidade – em intensidade e duração – entre a resposta neural e o estímulo ambiental (luz, som, etc) por meio de um potencial receptor – uma variação localizada no potencial elétrico entre as duas faces da membrana plasmática – que originará uma salva de potenciais de ação.

⁸ A codificação é a etapa que torna o estímulo sensorial “compreensível” e modulável pelas células do sistema nervoso, visto que a frequência de potenciais de ação – alterável pelos processos de integração sináptica – passa a representar, após o potencial receptor, a forma sensorial captada no ambiente.

⁹ Como as células especializadas na captura das informações sensíveis (receptores) estão distribuídas espacialmente no órgão sensorial (a mão, por exemplo), células em posições diferentes darão respostas distintas a um mesmo objeto. De fato, ao segurar uma caneta entre os dedos, não são todas as fibras sensoriais que são ativadas, mas apenas aquelas que estão em contato com o objeto, e, dentre essas, algumas serão ativadas com



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

exemplo da somatotopia.¹⁰ Todos esses fenômenos são particularmente importantes para que exista coerência entre o que foi sentido e o ente concreto, tendo em vista que, inegável e invariavelmente, não há identidade entre eles, pois “o mundo percebido é diferente do mundo real” (LENT, 2022, p. 185) e “o modo de conhecer uma realidade é relativo à condição do cognoscente” (TOMÁS DE AQUINO, *De Veritate*, q. 10, a. 4, resp., 2023, p.363).

Pode não haver identidade entre o âmbito sensorial e o ente concreto – até porque, considera-se que a estrutura deste é hilemórfica, composta de matéria e forma –, mas isso não implica a ilegitimidade do conhecimento sensorial, nem a inaptidão para sustentar outras etapas do conhecimento.

Para justificar a confiabilidade nos sentidos, pode ser considerada, imediatamente, a própria análise fisiológica, que, apenas com as quatro propriedades listadas, já evidencia uma disposição intencional¹¹ por parte do próprio corpo, visto que suas células, tecidos e órgãos são especializados para a interação eficiente e não arbitrária com o seu objeto, o qual é extrínseco ao sujeito sensível.

Com efeito, a via sensorial é o ponto de partida da gnosiologia do Doutor Angélico, que, desse modo, se opõe ao racionalismo. Pode-se considerar como arquétipo deste último a teoria cartesiana, a qual, ainda que de modo metódico, nega a evidência da via cognoscitiva sensorial. Tal negativa pode ser observada, por exemplo, em trechos como o seguinte: “ora, algumas vezes experimentei que tais sentidos eram enganadores, e é de prudência jamais confiar inteiramente naqueles que uma vez nos enganaram” (DESCARTES, 2017, p. 31).

Apenas por meio de uma espécie de malabarismo lógico e metafísico o racionalismo cartesiano consegue restaurar, ainda que de modo fragmentado e pessimista, a validade dos sentidos, destoando, assim, da harmonia do sistema tomista, visto que, para consolidar sua obra, o filósofo francês precisa inverter a própria noção de verdade, extraindo de sua própria mente, um fundamento para o conhecimento.

Dito isso, retomemos os cinco sentidos externos. São eles: 1) tato (que tem por objeto o gênero táctil, o quente, o frio, o úmido, o áspero, etc.), 2) olfato (que tem por objeto o odor), 3) paladar (o gosto), 4) audição (os sons) e 5) visão (as cores e a luz). Modernamente, considera-se que esses objetos carregam consigo diversas formas de energia – mecânica,

maior intensidade, já que poderão estar uma região onde a caneta faz mais pressão. Em função dessa distribuição topográfica, o sistema nervoso consegue localizar o objeto em relação às partes do próprio corpo.

¹⁰ Por somatotopia entende-se a capacidade do sistema nervoso de representar o conjunto de campos receptores relacionados à somestesia em “escalas” diferentes. Essa propriedade pode ser observada, com maior facilidade, para o tato: a sensibilidade tátil existe ao longo de toda a pele, no entanto, a representação dessa mesma área, no córtex cerebral, está restrita apenas a uma pequena porção do giro pós-central no córtex cerebral. Noção análoga pode ser empregada para as representações das vias auditivas (tonotopia) e visuais (visuotopia), onde cada estrutura encefálica participante do processamento sensorial mapeia os estímulos recebidos.

¹¹ Intencionalidade é um termo aplicado de maneira análoga para algumas das faculdades humanas (apetites, sentidos e inteligência) e para seus respectivos atos. Em ambos os casos, nos referimos à referência extrínseca que é alcançada por cada uma dessas potências: o conhecimento é sobre algo, o sentimento é em relação a algo e o dado sensorial provém de algo. Nesses termos, cada uma dessas operações é dotada, a seu modo, de uma intenção, pois se volta ao mundo extramental.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

química e eletromagnética – que podem impressionar os receptores moleculares de cada modalidade sensorial, de modo a transduzir essas energias em potenciais receptores codificáveis pelo sistema nervoso.

Cabe notar algo aqui: quando cada um dos nossos cinco sentidos externos apreende o seu objeto próprio, neste momento, eles não podem errar, se o órgão estiver bem disposto fisiologicamente: “Daí que o juízo do sentido próprio sobre os sensíveis próprios é sempre verdadeiro, se não há impedimento no órgão ou no meio” (TOMÁS DE AQUINO, *De Veritate*, q. 1, a. 11, resp., 2023, p. 62). Quando meus olhos estão saudáveis e estão vendo uma cor, ou meu olfato, também saudável, está sentindo um odor, não há erro. E é um conhecimento objetivo para todos aqueles que, gozando saúde, estiverem vendo, ouvindo ou cheirando no mesmo lugar e hora que eu.

Não cabe, porém, ao sentido próprio julgar a natureza do som, do odor ou do gosto, pois é o intelecto que faz isso: “Conhecer as naturezas das qualidades sensíveis não é próprio do sentido, mas do intelecto” (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, p. I, q. 78, a. 3, resp., 2020, p. 524).¹² Por isso, segundo São Tomás, neste ato de assimilação inicial não entra nada da subjetividade humana.

No artigo 9 da questão 1 do *De Veritate*, São Tomás (2023) se pergunta se a verdade está nos sentidos, e afirma que sim, embora de modo diferente que no intelecto, pois os sentidos conhecem a verdade, isto é, se adequam a um aspecto do ente. No entanto, não possuem consciência (não possuem conhecimento da adequação) de que conhecem. “Sabem” que sentem, mas não “sabem” o que sentem e como sentem.

O intelecto, por outro lado, conhece que conhece, conhece o que conhece e conhece como conhece, pois é capaz de fazer “uma volta completa” sobre si mesmo, no processo que o Aquinate denomina de *reditio ad seipsum* (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, p. I, q. 87, a. 1 e 3, 2020; *De Veritate*, q. 10, a. 9, 2023).

Encerrando as considerações a respeito dos sentidos externos, cabe destacar a multiplicidade de aspectos que podem ser captados pela mesma potência sensitiva. Com efeito, a experiência cotidiana evidencia que, ao contemplar o movimento de uma árvore ao vento, o observador capta diversos aspectos quantitativos específicos a seu respeito: não visualiza apenas as cores, mas também a grandeza, a figura e atributos semelhantes: são os chamados sensíveis comuns (TOMÁS DE AQUINO, p. I, q.78, a.4, 2020). Ou seja, existe, para cada sentido, além do seu objeto próprio, que especifica a potência e direciona o desenvolvimento do aparato fisiológico, alguns aspectos secundários e objetivos que também podem ser assimilados.

¹² Todas as citações à *Suma Teológica* se referem à edição: *Suma Teológica*: volume 1, *Ia pars*. Tradução: Alexandre Correia. 4. ed. Campinas: Ecclesiae, 2020.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

Este conceito é apoiado pela contemporânea noção de submodalidade sensorial, tal como a apresenta, por exemplo, Lent:

Quando consideramos as modalidades sensoriais, estamos nos referindo à nossa capacidade de perceber luzes, sons, estímulos sobre o nosso corpo, cheiros e gostos. Entretanto, isso é pouco para dar conta de todos os atributos dos sentidos. É necessário então introduzir o conceito de submodalidades sensoriais, definidas como aspectos qualitativos particulares de cada modalidade (LENT, 2022, p. 187).

Conciliando as duas concepções, pode-se dizer, portanto, que as informações sensoriais, depois de atualizarem suas respectivas potências, são transmitidas pelos nervos cranianos e espinhais até as estruturas de processamento do sistema nervoso, as quais são a sede dos sentidos internos e das paixões, ou emoções e sentimentos.

Sentidos internos

A mera apreensão sensitiva não é suficiente para explicar o conhecimento. Afinal, cada sentido interage com seu objeto próprio, enquanto os pensamentos produzem ideias, juízos e raciocínios, articulando um conjunto de representações multissensoriais externas e internas, além das paixões (emoções) e decisões voluntárias associadas a cada cognição.

Por exemplo, ao lembrar aquela mesma árvore já sugerida, balançando ao vento com suavidade, a pessoa gera uma imagem dotada de cores e sons, imagina a brisa tocando levemente sua face, sente paz e tranquilidade e, por isso, decide retornar a essa paisagem quando possível, pois a julga possuidora de grande bondade e beleza.

Os processos mencionados acima ultrapassam, portanto, a mera assimilação dos dados dos sentidos externos, e se baseiam em um conjunto complementar de informações que exigem um novo conjunto de potências: os sentidos internos.

Segundo São Tomás (Suma Teológica, p. I, q. 78, a. 4, 2020), no ente humano essas potências abarcam o sentido comum, a imaginação, a cogitativa e a memória. Juntas, essas faculdades fornecem uma descrição qualitativa robusta para muitas das descobertas neurocientíficas atuais, complementando-as e esclarecendo aspectos do funcionamento cerebral. A seguir, será descrito como elas interagem para dar origem ao fantasma, uma representação singular do ente apreendido, o qual conecta as etapas iniciais do processo de conhecimento com o seu âmbito mais profundo, a saber, o intelectual.

O mais básico dos sentidos internos é o sentido comum, “que serve como ponto de convergência entre os sentidos externos e internos, recebendo as informações advindas dos diversos sentidos, comparando-os e julgando-os em sua unidade e diversidade” (FERNANDES, 2022, p.177). Com efeito, é necessário assumir essa potência, na medida em que as representações abarcam não apenas estímulos isolados visuais, olfativos, tácteis, etc., mas, virtualmente, contém informações provenientes de qualquer um dos sentidos externos, bem como da interação entre eles. Ou seja, é necessário que as formas sensoriais sejam sintetizadas.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

Mais do que integrar, somos capazes de guardar, dividir e unir essas impressões em novos arranjos: o verde da árvore pode ser usado para compor um mar nesse mesmo tom. A faculdade que gera e armazena essas derivações é a imaginação ou fantasia, a qual funciona como um “tesouro das formas recebidas pelo sentido” (TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 78, a. 4, resp., 2020, p. 527). Ao interagir com outras potências, esse tesouro é enriquecido em significado e profundidade, uma vez que sua atividade pode ser tensionada em prol do processo de conhecimento.

Isso é feito, primeiramente, pelo conteúdo da composição, que deve ser adquirido previamente pelos sentidos externos. Tal fato implica uma dimensão perfectível da imaginação, que pode ser mais ou menos favorável à apreensão da realidade, uma vez que ela “constitui a fonte a partir da qual o intelecto deve haurir o conteúdo de seu objeto propriamente dito” (FERNANDES, 2022, p. 178). De fato, como o sujeito pode se expor de modo voluntário a formas sensíveis de maior ou menor representatividade¹³ do real, a coerência entre os fantasmas e o ser extramental fica condicionada pela qualidade das formas sensíveis apreendidas.

Essa relação justifica parte da grande influência exercida pelas várias manifestações culturais na formação da inteligência. Com efeito, basta assumir que um indivíduo que se dedica à leitura dos clássicos da literatura terá maior predisposição para representar verdadeiramente as pessoas em seu aparato cognitivo - favorecendo um melhor conhecimento intelectual de si e dos demais - do que outro que dedicou o mesmo tempo com o tão variado quanto despersonalizante cardápio de entretenimento contemporâneo.

A potência imaginativa também interage com a vontade, que pode dirigir a sua composição, e com a cogitativa, o terceiro sentido interno. A cogitativa ou razão particular é capaz, por meio de certa comparação, de aperfeiçoar as representações cerebrais. Ela capta aspectos individuais inacessíveis ao caráter eminentemente representativo dos demais sentidos internos, emitindo juízos pré-rationais que direcionam o comportamento e os valores atribuídos àquela realidade. Nos animais irracionais, essa potência é denominada estimativa, uma vez que “estima o valor de uma realidade singular externa em relação à própria singularidade orgânica” (FERNANDES, 2022, p. 183), determinando o seu comportamento instintivo.

Já no ser humano, agraciado com a razão, o juízo da cogitativa, embora pré-racional, não ocorre desvinculado da inteligência, fato que será de extrema importância para a inteligência, tendo em vista que “para entender, a alma precisa também da faculdade que prepara os fantasmas ou as fantasias para estes se tornarem inteligíveis em ato e essas faculdades são conhecidas por cogitativa e memória” (TOMÁS DE AQUINO apud FERNANDES, 2022, p. 184).

A preparação do fantasma, pela cogitativa, corresponde à adequação entre a representação e a experiência pessoal. Isso pode ser visualizado retomando o exemplo daquela árvore ao vento. Nota-se que a imagem criada por cada leitor é singular, pois é fruto não apenas

¹³ Vale ressaltar que esse termo não anula as várias obras que, apesar de ficcionais e muitas vezes dotadas de elementos fantásticos, são frutíferas e benéficas para a educação dos sentidos internos. No entanto, foge ao escopo deste trabalho delinear os critérios para tal avaliação cultural.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

de um sistema nervoso morfológicamente irrepétil, mas também porque decorre do acúmulo de experiências que cada um teve com árvores ao longo de sua vida.

Como cabe à cogitativa julgar cada uma dessas interações, ao receber a sugestão de imaginar um exemplar genérico, o leitor, em vez de imaginar todas as árvores que já viu – o que seria impraticável – gera uma única, cujas características foram reunidas por uma imaginação direcionada pela razão particular. Esse fantasma prioritário não anula a possibilidade de, por um ato volitivo, transformar a imagem, plasmando uma árvore com outra cor ou altura. No entanto, assume-se que cada sujeito cognoscente carrega uma representação preferencial dos entes que já conheceu, a qual pode ser denominada fantasma real. Ele será o vínculo entre o nível sensorial e o intelectual de conhecimento.

Neste ponto, a descrição da síntese do fantasma está quase concluída: múltiplas formas sensoriais foram reunidas de modo coerente com a experiência individual em um arranjo único e dotado de intencionalidade. O sentido interno responsável por guardar e lembrar essa imagem e todo o seu conteúdo é a memória, a qual permite “que aquilo que primeiramente foi apreendido pelos sentidos e interiormente conservado seja chamado de novo à consideração atual” (TOMÁS DE AQUINO, *Quaestio Disputatae De Anima*, q. 13, resp., 2014, p. 273).¹⁴ Como visto, nessa rememoração são revisitados os juízos da cogitativa, acrescidos das emoções e sentimentos que podem ser atrelados à imagem em questão.

Com efeito, toda apreensão sensorial desencadeia, em maior ou menor medida, uma resposta emocional por parte do sujeito que conhece, a qual desencadeia fenômenos psíquicos e somáticos característicos, incluindo as manifestações viscerais, motoras e expressivas típicas de cada emoção, como destaca Fernandes (2022). Tais alterações têm sua base material na conexão que o sistema límbico – em especial o complexo amigdalóide e o hipotálamo – estabelece com o sistema nervoso autônomo e com o córtex cerebral, de modo a influenciar não apenas o comportamento, mas também, a formação do fantasma, a qual se dá em nível neurofisiológico. Conseqüentemente, as paixões ou atos do apetite sensitivo influenciam a compreensão da realidade, visto que inserem mais uma informação nas representações: sua carga afetiva.

Espectro explicativo do conhecimento sensorial e limitações

As faculdades até então explicadas, sob a luz da epistemologia tomista, descrevem como conhecemos sensivelmente alguns dos aspectos da realidade à nossa volta, estejam eles presentes ou ausentes aos sentidos externos. Mais do que isso, com a cogitativa são inseridas notas de valor prático – “como vou agir diante desse ente? Ele é nocivo ou conveniente?” –,

¹⁴ Todas as referências ao *Quaestio Disputatae De Anima* de São Tomás se referem à seguinte edição: *Questões disputadas sobre a alma*. Tradução: Luiz Astorga. São Paulo: É Realizações, 2014.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

cognitivo – pois o reconheço e julgo pela minha experiência – e afetivo em cada representação formada, as quais podem ser revisitadas pela memória.

Tudo isso de maneira dinâmica, dado que, conforme o próprio pensamento atesta, a velocidade com que esses processos se sucedem é deslumbrante. Em instantes, a operação dos quatro sentidos internos está concluída e complementada por associações com outras imagens contidas na memória e com emoções. As formas sensíveis assimiladas também podem, com igual celeridade, combinar-se, originando comédias, tragédias, sinfonias, prelúdios, odes, elegias e o que mais a imaginação for capaz de produzir.

Além disso, essa teoria abre as portas para a compreensão da influência de efeitos fisiológicos diversos: hormônios, estados de saúde, emoções, substâncias químicas e muitos outros que, por influenciarem direta ou indiretamente os elementos celulares e moleculares que compõem o sistema nervoso, geram uma complexa rede de interferências e variações sobre a gênese do fantasma.

A cultura e a educação também encontram seu lugar nesse modelo, já que a plasticidade neuronal – que permite a manifestação da memória – garante, a depender da inserção sociocultural do indivíduo, que seus hábitos, crenças e valores variem substancialmente, não apenas ao considerar contextos históricos distintos, mas dentro de uma mesma trajetória vital, à medida em que se avança nas fases da vida (infância, adolescência, juventude, maturidade, etc.).

Poder-se-ia objetar que a concepção neurocientífica – em todas as suas ramificações: neuroquímica, neurofisiologia, neuroanatomia, e outras – seria suficiente para explicar todo o conhecimento humano. A própria noção de “potência”, seja ela sensível, apetitiva ou intelectual, embora enriqueça a discussão qualitativa das operações cerebrais, poderia ser reduzida aos processos moleculares que, em última instância, governam o cérebro. Inclusive, nesses termos, ele se identificaria ou seria a causa da mente.

É necessário destacar, entretanto, que, apesar do amplo espectro explicativo do conhecimento sensorial, São Tomás não encerra a sua gnosiologia com ele. Pelo contrário, o comentador de Aristóteles atribui aos sentidos internos a formação do fantasma, enquanto atribui ao nível propriamente intelectual (onde atuam a inteligência e a vontade) a formação das ideias e, com base nelas, o juízo e o raciocínio (BRENNAN, 1965).

Por isso, em São Tomás existe uma distinção clara entre o cérebro e a mente, e é nas faculdades desta que encontramos a irrestrita abrangência espaço-temporal, a universalidade e a imaterialidade consciente que são próprias do entendimento humano. No entanto, investigá-las fugiria ao escopo do presente trabalho, podendo vir a ser objeto de ulteriores estudos.

Psicologia Tomista e Ciência

Com o que foi exposto até aqui, ficam bem estabelecidos os objetos e as operações de cada um dos sentidos internos. Trata-se de uma descrição psicológica, que considera o hilemorfismo e sua aplicação ao ente humano, o qual, dentro dessa perspectiva, apresenta uma forma substancial que o especifica e determina suas faculdades. Ainda adotando o



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

hilemorfismo, podemos esperar que exista certa proporcionalidade entre a forma e a matéria por ela atualizada, como já foi observado nos órgãos dos sentidos externos.

No caso dos sentidos internos, a análise dessa proporção adquire uma dificuldade particular, tendo em vista a complexa e fascinante organização do sistema nervoso, a qual paulatinamente vem sendo detalhada pela Neurociência. No entanto, as descobertas nessa área dependem, muitas vezes, da adequada descrição funcional de estruturas neurais somada à visualização de conexões anatômicas e histoquímicas. As modernas técnicas de neuroimagem funcional têm contribuído substancialmente, assim como técnicas de modelamento matemático das conexões neuronais. Todavia, a elaboração de uma descrição que articule o rigor teórico e metodológico com a inteligibilidade – sobretudo, para pesquisadores de outras áreas – ainda se mostra um desafio.

Por isso, a interdisciplinariedade tem contribuído e direcionado as investigações dos neurocientistas. Um exemplo ilustrativo é o estudo das vias neurais da linguagem, em que a psicolinguística e a neurolinguística caminham juntas: a primeira, descrevendo o fenômeno, suas características e aspectos psicológicos, enquanto a segunda busca as estruturas encefálicas responsáveis por cada uma das propriedades encontradas.

No caso da descrição aristotélico-tomista dos sentidos internos, defendemos uma possibilidade similar e igualmente benéfica para o desenvolvimento e aprofundamento conceitual da Ciência. Primeiro, porque a Filosofia trata de níveis de causalidade anteriores, de modo que a organização e sistematização das informações científicas deve passar por uma crítica filosófica fecunda, a fim de encontrar coerência.

Essa harmonização não pode se dar apenas em nível imanente, no caso, dentro dos próprios dados da Neurociência. Pelo contrário, ela deve se expandir e correlacioná-los com outras áreas da Biologia, da Ética, da Antropologia, etc. Afinal, todo ramo do saber partilha uma unidade formal com os demais, pois todos se voltam para o real. Portanto, um movimento sintético é necessário, e cabe à Filosofia fazê-lo.

Em segundo lugar, a concepção aristotélico-tomista pode contribuir e esclarecer o funcionamento cerebral com uma descrição rigorosa e precisa de seus princípios e distinções operativas. Como exemplo disso, no tópico seguinte será discutido o papel da cogitativa e como ela dialoga com a moderna noção de percepção.

A cogitativa e o aprimoramento da percepção

A percepção, como atesta Brennan (1965), é o ato do sentido comum. Trata-se de uma síntese das informações provenientes de cada sentido externo em uma unidade representativa de um objeto que atualmente se apresenta ao sujeito cognoscente. Essa imagem, como discutido, corresponde a um primeiro nível de representação, já que o mesmo autor reconhece que os demais sentidos internos enriquecem a percepção a ponto de originar a imagem ou fantasma, em associação com as emoções e já influenciando o comportamento.

Com efeito, o fantasma conecta o polo objetivo – os dados sensoriais integrados pelo sentido comum – com a subjetividade (o que inclui a experiência armazenada na memória, os



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

sentimentos, etc.) do indivíduo, e vice-versa, pois o mesmo sujeito “perceptivo” é o sujeito que atua, com base em suas percepções (nível representativo sensorial inicial) e fantasmas (nível representativo sensorial final), sobre o mundo à sua volta. As associações que aperfeiçoam a percepção podem ser descritas em dois níveis: neuronal e psicológico.

Quanto ao primeiro deles, Lent (2022) esclarece que a percepção depende de circuitos corticais caracterizados por um paralelismo cooperativo. O mais amplamente estudado é a via ventral e dorsal da modalidade visual, embora se observem operações similares no sistema auditivo, somestésico e no processamento da fala.

No caso da visão, a identificação do objeto é feita predominantemente pela via ventral, enquanto a captação do movimento e localização tem maior dependência da via dorsal. Por isso são denominadas “paralelas”: cada uma se responsabiliza, de forma majoritária, por um aspecto da representação.

Na medida em que avançamos dentro de uma das vias, novas sinapses se estabelecem com áreas corticais variadas, conferindo mais complexidade e funcionalidade à representação cerebral – o que caracteriza uma hierarquia dentro de cada via: os neurônios primários disparam quando estimulados por objetos simples, enquanto aqueles em níveis hierárquicos superiores só são ativados com estímulos cada vez mais complexos.

Por funcionalidade, entende-se que, ao representar um objeto, seja ele imaginado (atuação da memória e da fantasia) ou captado do exterior (ato dos sentidos externos e síntese realizada pelo sentido comum), as conexões neuronais podem mobilizar áreas encefálicas variadas, de modo, por exemplo, a acoplar a cada representação um valor emocional – por meio das projeções do córtex associativo à amígdala e ao hipotálamo –, prático – pela ativação do córtex motor – e cognitivo, de modo a aperfeiçoar a percepção.

Lent (2022) afirma que não há uma determinação completa dos mecanismos neurológicos que permitem essa síntese informativa, mas podemos atribuir, a título ilustrativo, contribuições parciais para as seguintes estruturas: os neurônios finais da hierarquia perceptiva, o centro de convergência localizado no polo anterior do lobo temporal, as comissuras telencefálicas e o núcleo pulvinar. Em suma, circuitos neuronais complexos localizados predominantemente no córtex cerebral e relacionados às várias vias sensoriais são responsáveis pela percepção e seu enriquecimento prático, cognoscitivo e afetivo.

Retomando o exposto sobre os sentidos internos e a imaginação, o leitor pode perceber inúmeras semelhanças entre a descrição neurológica e a teoria aristotélico-tomista – segundo nível descritivo. Fixemos isso retomando o pensamento do Aquinate, que atribui um conteúdo cognitivo, prudencial e emocional àquela representação (como Lent), na medida em que ela nos permite reconhecer entes extramentais, direcionar nossa ação em conformidade com essa cognição e gerir nossos afetos (paixões ou emoções):

Segundo São Tomás (*Quaest. Disp. De Anima*, q. 13, *resp.*, 2014 e *De Veritate*, q. 10, a. 5, 2023), a cogitativa dá origem ao movimento do sujeito em relação aos entes singulares conhecidos (valor prático do fantasma), promovendo os atos do apetite sensitivo, uma vez que estes são desencadeados por uma apreensão singular daquilo que é avaliado como útil ou deleitável para o sujeito cognoscente. Ou seja, da apreensão da cogitativa, que conhece os



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

singulares, segue-se também uma paixão ou emoção, que é o ato do apetite sensitivo. “Com efeito, o movimento da parte apetitiva origina-se, de certo modo, da apreensão” (TOMÁS DE AQUINO, *De Veritate*, q. 25, a. 1, *resp.*, 2023, p. 815).

Conhecer, sentir e mover: eis a tríplice finalidade do fantasma, aprimorado pela potência cogitativa, tal como proposto por São Tomás no século XIII. E tais são as resultantes da percepção, como concebida pela moderna neurofisiologia. Desse modo, visualizamos a harmonia existente entre o enfoque psicológico de São Tomás e a Neuropsicologia atual, no que diz respeito à percepção.

Este é um exemplo que diz respeito a apenas uma das etapas do processo cognoscitivo, mas já é suficiente para abrir as portas a uma maior interação dessas duas áreas na investigação científica, de modo a contribuir para o desenvolvimento de ambas: a Filosofia, respondendo ao “o que é?” e “para que é?” (além de acrescentar clareza ao detalhamento funcional das estruturas) enquanto a Neurociência, respondendo ao “como é?”.

Conclusão

O conhecimento, conforme ensina São Tomás de Aquino, é um processo que se desenvolve por meio de três conjuntos de faculdades anímicas: os sentidos externos, responsáveis pela assimilação de formas sensoriais e pela primeira interação com a realidade extramental; os sentidos internos, que armazenam, combinam e julgam singularmente os objetos dos sentidos externos, e, por fim, a mente, que permite entender a essência dos objetos conhecidos e, com base nisso, julgar e raciocinar sobre a eles.

Os dois primeiros conjuntos, como visto, descrevem qualitativamente o funcionamento de estruturas do sistema nervoso, apresentando uma interessante e notável coerência com as atuais descobertas da Neurociência.

Com isso, o presente trabalho, apesar de não ter abarcado todas as etapas do processo cognoscitivo, nem ter descrito de maneira exaustiva as correlações neuropsicológicas, espera ter esclarecido como ocorrem os estágios iniciais do conhecer e como a concepção psicológica tomista se mantém atual e de grande valor para uma melhor compreensão da pessoa humana e das suas faculdades. A harmonização do enfoque aristotélico-tomista com o neurológico abre a possibilidade, portanto, de uma fecunda colaboração para novas e instigantes investigações científicas sobre a mente e o comportamento humano.

Referências

ARISTÓTELES. *Da Alma*. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

ARISTÓTELES. *Física I-II*. Prefácio, introdução, tradução e comentários: Lucas Angioni. Campinas: UNICAMP, 2009.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

ARISTÓTELES. *Metafísica*: ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução para o Português de Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BRENNAN, Robert Edward. *Psicologia General*. 2. ed. Madrid: Ediciones Morata, 1965.

FERNANDES, André Gonçalves. *Viagem ao Centro do Homem: antropologia fundamental para a excelência humana*. 1. ed. São Paulo: Editora Persona, 2022.

LENT, Roberto. *Conceitos Fundamentais de Neurociência. Cem Bilhões de Neurônios?*. 3. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2022.

MACHADO, Angelo. *Neuroanatomia Funcional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2022.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Tradução: Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SHAKESPEARE, William. *Grandes Obras de Shakespeare: volume 1: Tragédias*. Tradução: Barbara Heliadora. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*. Tradução: Maurílio Camello. 1. ed. Campinas: Ecclesiae, 2023.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica (Ia pars)*. v. 1. Tradução: Alexandre Correia. 4. ed. Campinas: Ecclesiae, 2020.

TOMÁS DE AQUINO. *A unidade do intelecto contra os averroístas*. Tradução: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2016.

TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a alma*. Tradução: Luiz Astorga. São Paulo: É Realizações, 2014.